

Transmissão de conhecimento ou experiência no ensino da filosofia: limites e possibilidades

*Transmission of knowledge or experience in teaching philosophy:
limits and possibilities*

Manoela Paiva Menezes

Graduanda em Filosofia na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade
Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”.
Marília, SP – Brasil.
manoelamenezes@hotmail.com

Patrick Viana

Graduando em Filosofia na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade
Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”.
Marília, SP – Brasil.
patrickvianafilosofia@gmail.com

Resumo

Neste artigo pretendemos analisar o ensino de filosofia por intermédio da seguinte problematização: é possível uma forma de “ensinar filosofia”, “ensinar a filosofar”, ou então, uma forma de “experienciar a filosofia” que não seja mediada por transmissão teórica tradicional de conhecimentos? Para descobrir algumas possibilidades e limites a que tal problematização nos conduziria, firmamos parceria com um estabelecimento educacional não regido pelo imperativo institucional de cumprimento de conteúdos específicos, conhecido como “Projeto Barracão”. Foram realizadas visitas semanais ao Projeto e reuniões de embasamento teórico com base nos livros *Pedagogia de la presencia*, de Fernando Bárcena, *O mestre ignorante*, de Jacques Rancière e *Tecnologías del yo*, de Michel Foucault. Durante as visitas, a postura foi um “estar presente” (baseado em Bárcena), sem interferência hierárquica (Rancière) durante as atividades, buscando estabelecer uma relação de cuidado de si e cuidado do outro (Foucault).

Palavras-chave: Cuidado. Educação. Filosofia.

Abstract

In this article we intend to analyze the teaching of philosophy through the following problematic: is it possible a form of “teaching philosophy”, and “teaching to philosophize”, or then a way to “experience the philosophy” that is not mediated by a traditional theoretical transmission of knowledge? To find out some possibilities and limits in which such questioning would lead us, we have created a partnership with an educational institution not governed by the institutional imperative of compliance with specific contents, known as “Projeto Barracão”. Thus, weekly visits to the “Projeto” and meetings to design and theoretical foundation based on the books *Pedagogia de la presencia*, by Fernando Bárcena, *O mestre ignorante*, by Jacques Rancière and *Tecnologías del yo*, by Michel Foucault, were made. During the visits the stance was a “be present” (based on Bárcena) without hierarchical interference (Rancière), during activities seeking to establish a relationship of self care and care of the other (Foucault).

Key words: Care. Education. Philosophy.

Introdução

A partir do projeto “Transmissão de conhecimento ou experiência no ensino da filosofia: limites e possibilidades”, proposto ao núcleo de ensino da Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Câmpus de Marília e orientado pelos professores doutores Rodrigo Peloso Gelamo e Pedro Angelo Pagni, buscamos atentar para a possibilidade de um “ensino” de filosofia que não estivesse vinculado às formas tradicionais utilizadas por instituições formais, como escolas.

Para que o desenvolvimento das atividades não fosse uma simples transmissão abstrata de conhecimento, em que o professor se põe como aquele que sabe e detém o conhecimento e se dedica à função de “ensinar” da forma que Gelamo (2009, p. 58) descreve como uma “[...] maneira de fazer conhecer o conhecimento já anteriormente produzido por outro [...]”, buscamos parceria com um projeto social e educacional conhecido como Barracão, ligado à Cáritas Diocesana de Marília e mantido pelos irmãos Marianistas.

No Barracão são oferecidas atividades formativas complementares àquelas recebidas na escola, além de outras focadas no desenvolvimento de habilidades esportivas, no estímulo à leitura e no acesso a computadores. Tornou-se um espaço educativo que envolve toda a comunidade por ser vinculado à realidade social e porque objetiva despertar a vontade de aprender em que crianças e jovens são vistos como solução para o futuro. Segundo o coordenador do projeto, o Barracão tem como finalidade promover uma educação que forme pessoas para a valorização e defesa da vida, desenvolvendo suas competências pessoais, sociais, cognitivas e produtivas.

Metodologia

Não desenvolvemos um planejamento metodológico inicial. Intencionalmente, priorizamos uma ambientação no local onde desenvolveríamos nossas intervenções filosóficas (Projeto Barracão) exclusivamente por meio de nossa presença e de visitas semanais, portanto, desfrutando da liberdade necessária que nos possibilitasse estabelecer relações espontâneas. Realizamos reuniões de embasamento teórico com base nos livros *Pedagogía de la presencia*, de Fernando Bárcena

(2010), *O mestre ignorante*, de Jacques Rancière (2002) e *Tecnologías del yo*, de Michel Foucault (1990).

O “estar presente”, conceito central na obra de Bárcena, foi fundamental desde o início de nossas visitas ao Barracão. Consiste num situar-se, num colocar-se no que se está vivendo, no que se está passando, agindo e se conhecendo a partir disso. Um situar-se nas relações entre gerações, um compreender que a vida é contínua e não se completa, não se satisfaz no presente. E isso tudo é compreendido, quando compreendido, depois de agir.

Durante un tiempo, quizá mucho sin ser excesivo, pensé que primero nos conocemos y luego actuamos, y que este principio valía para cada vida tanto como para lo que yo mismo desempeñaba siempre que me encontraba pensando o actuando en un escenario educativo. Y fue más tarde que empecé a percibir que las cosas no siempre funcionan así. Que este principio, por así llamarlo, en el que yo creía –*conócete a ti mismo y luego actúa*– olvidaba otro más radical, un *principio patético*, que más o menos decía esto otro: *actúa*, experimenta la acción, y entonces quizá sabrás quien eres, pues no hay una identidad o un yo fijo antes de haberte sufrido, pasado, padecido. *Conocimiento patético*. (BÁRCENA, 2010, p. 1, grifos do autor)¹

Esse “estar presente” atuando, para depois conhecer a si mesmo, foi vivenciado por todos os pesquisadores, uma vez que entraram no projeto e na pesquisa em si sem receber alguma instrução propriamente dita dos orientadores quanto ao que fazer por lá no decorrer do primeiro semestre. Foram ao Barracão tentando colocar-se no ambiente, não como educadores nem como educandos, já que não participavam durante toda a semana e que, também por isso, não estavam sujeitos a todas as regras do projeto. Somente ao final do primeiro semestre houve um direcionamento quanto à parte teórica que está sendo apresentada aqui, caracterizando também os próprios pesquisadores como objetos pesquisados, tanto por eles mesmos quanto por seus orientadores.

Além do estar presente, outro conceito foi importante durante nossas visitas: o “cuidado de si”, de Foucault. Adotado por nós, foi durante todo o tempo articulado ao cuidado do outro, portanto, possuíamos uma postura ética, cuidando de

nós mesmos para que pudéssemos garantir condições para que os outros também cuidassem de si. O “cuidado de si” passa pelas tecnologias do eu, como nos apresenta o próprio Michel Foucault (1990, p. 48):

4) tecnologías del yo, que permiten a los individuos efectuar, por cuenta propia o con la ayuda de otros, cierto número de operaciones sobre su cuerpo y su alma, pensamientos, conducta, o cualquier forma de ser, obteniendo así una transformación de sí mismos con el fin de alcanzar cierto estado de felicidad, pureza, sabiduría o inmortalidad².

As “tecnologias do eu” são técnicas que visam certos estados de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade, em uma palavra, o bem-estar do indivíduo. O “cuidado de si” leva ao conhecer-se, ao cultivar-se, ao cuidar da saúde e da mente, leva ao agir; mas não é apenas o conhecer-se que leva ao agir, o agir também leva ao conhecer-se – e o “cuidado de si” passa pelo “cuidado do outro”. O outro pode servir como exemplo, pode ser aquele que sabe alguma técnica, pode ser aquele que dialoga – o outro é necessário para as “técnicas de si”. E durante essas relações e tensões com o outro, com a presença do outro, modificamos a nós mesmos, pensamos em nós e nos repensamos.

Contemplando também a “crítica à razão explicadora”, de Rancière, atentávamos para as situações, perguntando-nos e problematizando se é possível experienciar filosofia com os integrantes do Barracão sem explicar o que é filosofia, sem esclarecer propriamente o que experienciávamos e o que fazíamos ali, diferenciando-nos, assim, de agentes de instituições formais e problematizando a própria “explicação” e sua necessidade.

A explicação não é necessária para socorrer uma incapacidade de compreender. É, ao contrário, essa incapacidade, a ficção estruturante da concepção explicadora de mundo. É o explicador que tem necessidade do incapaz, e não o contrário, é ele que constitui o incapaz como tal. Explicar alguma coisa a alguém é, antes de mais nada, demonstrar-lhe que não pode compreendê-la por si só. (RANCIÈRE, 2002, p. 19-20)

Resultados

Consideramos uma experiência filosófica aquela que parte da perplexidade diante das vivências do cotidiano, aquela que nos expõe a um contato direto com os questionamentos levantados pelas crianças e com as reflexões geradas pela prática efetiva de lidar com a filosofia. Além disso, constitui uma quebra de hábitos antigos ligados ao modelo tradicional de ensino de filosofia. Buscamos o descaminho que nos possibilitaria a continuidade da reflexão acerca dos problemas filosóficos, assim como Foucault (1984, p. 13) propõe:

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. Talvez me digam que esses jogos consigo mesmo têm de permanecer nos bastidores; e que no máximo eles fazem parte desses trabalhos de preparação que desaparecem por si sós a partir do momento em que produzem seus efeitos. Mas o que é filosofar hoje em dia- quero dizer,- a atividade filosófica- senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe? Existe sempre algo de irrisório no discurso filosófico quando ele quer, do exterior, fazer a lei para os outros, dizer-lhes onde está a sua verdade e de que maneira encontrá-la, ou quando pretende demonstrar-se por positividade ingênua, mas é seu direito explorar o que pode ser mudado, no seu próprio pensamento, através de um exercício de um saber que lhe é estranho. O “ensaio” – que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação – é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si no pensamento.

Essa ruptura com os padrões nos permitiu um descaminho dos contextos aos quais estávamos acostumados, o que possibilitou vivências como uma “experimentação” do mundo constante que nos fazia enxergar para além da maneira convencional que nos relacionava conosco e com o mundo.

Pelos depoimentos do coordenador do Projeto, nossa presença gerou alterações de diversos níveis na forma como se desenrolavam as atividades, tornando-as mais “descompromissadas”, mais interessantes, o que também gerou alterações na postura dos educadores do projeto. O que interessava, provisoriamente, não eram as respostas às perguntas que colocávamos até entendermos o propósito de inserir filosofia no Barracão, pois essas perguntas, inicialmente, remetiam à maneira convencional de ensino de filosofia, do “como ensinar filosofia”. A partir das vivências no Projeto, as perguntas se punham de outra maneira: Como cuidar do outro sem cuidar de si?, Como nos livrarmos da postura tradicional que contém essa comum imposição de que um sabe mais ou menos que o outro?, É possível interessar-se por filosofia sem nem mesmo saber o que é isso?, Filosofar, aprender, ensinar são verbos que podem ser conjugados um juntamente com o outro?

No início, havia o objetivo de que as atividades atingissem os fins propostos; entretanto, com o passar dos dias notamos que os rumos inesperados são os descaminhos que levam a outras maneiras de enxergar, a outras perspectivas que tornam nosso aprendizado ilimitado, sem fins propostos atingidos, com aprendizado superior ao que usualmente considera-se atingível.

Considerações finais

Lidar com o conhecimento filosófico a partir de espaços não formais possibilitou aos pesquisadores vivenciar situações que dificilmente se apresentariam em uma sala de aula. A partir dessas experiências, foram expostas dificuldades que existem tanto nas crianças e jovens quanto nos pesquisadores que, como as próprias crianças e jovens, estão em fase de aprendizagem, possibilitando-lhes uma aproximação e fazendo com que problematisassem o que entendem como ensino e aprendizagem.

Comprometemo-nos a valorizar a individualidade das experiências e a refletir acerca do que havíamos transformado em nós mesmos e no projeto

durante os dias em que frequentamos uma realidade social e educacional que prioriza a formação do sujeito diante do mundo.

Consideramos importante uma volta ao “campo empírico” para continuar desenvolvendo nossas problematizações e tentar um deslocamento quanto ao nosso modo de atuação que permita analisar outras possibilidades de abordagem.

Notas

- 1 Durante um tempo, talvez muito sem ser excessivo, pensei que primeiro nos conhecemos e depois atuamos, e que este princípio valia para cada vida tanto como para o que eu mesmo desempenhava sempre que me encontrava pensando ou atuando em um cenário educativo. E foi mais tarde que comecei a perceber que as coisas nem sempre foram assim. Que este princípio, por assim chamá-lo, no que eu cria – conhece-te a ti mesmo e depois atua- esquecia outro mais radical, um *princípio patético*, que mais ou menos dizia este outro: atua, experimenta a ação, e então talvez saiba quem és, pois não há uma identidade ou um eu fixo antes de haver sofrido, passado, padecido. *Conhecimento patético*. (BÁRCENA, 2010, p. 1, grifos do autor, tradução nossa)
- 2 4) técnicas de si, que permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmos com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade. (FOUCAULT, 1990, p. 48, tradução nossa)

Referências

BÁRCENA, F. *Pedagogía de la presencia*. Voces para una educación en la filiación del tiempo. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2010.

FOUCAULT, M. *Historia da sexualidade: o uso dos prazeres*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. v. 2. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. Edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros. Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Tecnologías del yo*. Barcelona: Paidós, 1990.

GELAMO, R. P. *O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

PROJETO BARRACÃO. Disponível em: <<http://www.projetobarracao.com.br/www/?page=caritas>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

RANCIÈRE, J. Uma aventura intelectual. In: _____. *O mestre ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 15-30.

recebido em 30 abr. 2011 / aprovado em 15 out. 2012

Para referenciar este texto:

MENEZES, M. P.; VIANA, P. Transmissão de conhecimento ou experiência no ensino da filosofia: limites e possibilidades. *Dialogia*, São Paulo, n. 15, p. 153-160, 2012.